

**SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001. 471p.**

Em seu novo livro, Milton Santos e Maria Laura Silveira, deram a palavra ao território. Entretanto, não o fazem tomando o território como um conceito. Em entrevista recente, Milton Santos explicita que o território só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam. De fato, para o autor o importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual.

O texto fornece uma visão de conjunto do espaço nacional e oferece uma interpretação do Brasil da globalização. Através da mediação entre uma teoria e dados empíricos numerosos, a noção de uso do território via sistemas técnicos – objetos e formas de fazer, explica como, onde, por quem e para que esse território é usado. Informam os autores: “Não se trata de um catálogo enciclopédico, nem de uma compilação exhaustiva do que foi feito no Brasil, mas de um retrato das novas quantidades e sobretudo das novas qualidades do território que, vista de maneira dinâmica, oferecem, ao mesmo tempo, fundamentos para vislumbrar tendências. O território já usado pela sociedade ganha usos atuais, que se superpõem e permitem ler as discontinuidades nas feições regionais. Certas regiões são, num dado momento histórico, mais utilizadas e, em outro, o são menos. Por isso cada região não acolhe igualmente as modernizações nem seus atores dinâmicos, cristalizando usos antigos e aguardando novas racionalidades”. (p. 12)



O Brasil: território e sociedade no início do século XXI apresenta-se dividido em duas grandes partes e catorze capítulos. Na primeira delas — esforço de análise — são discutidos os seguintes temas: a) a noção uso do território; b) a transformação do Brasil do meio natural, os sucessivos meios técnicos e o advento do meio técnico-científico-informacional; c) a constituição desse novo meio geográfico, suas bases materiais fixas, os semoventes e os insumos ao solo; d) o papel da informação e do conhecimento nesse novo espaço geográfico; e) a reorganização produtiva do território com as novas manifestações da descentralização industrial, da modernização agrícola e das especializações territoriais produtivas, evidenciando a Região Concentrada (Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); g) a idéia de movimento com a categoria de círculos de cooperação; h) a multiplicação de movimentos no território nacional que vem configurar uma nova geografia — a que se completa com as novas manifestações das finanças, motor do período contemporâneo; i) a dinâmica da urbanização através da importância da nova cidade média, das metrópoles e dos processos da involução metropolitana; a dinâmica da população, segundo seu lugar de origem e de vida, a renda, o emprego e os consumos.

Já na segunda parte — esforço de síntese do território nacional — surge, no primeiro momento, a rediscussão da idéia de território usado enquanto território vivo, vivendo com os fixos (o que é imóvel, constituintes da ordem pública ou social) e os fluxos (o que é móvel,

formados por elementos públicos e privados em proporções que variam segundo os países, na medida em que estes são mais ou menos abertos às teses privatistas). No momento seguinte, surge a revisão da história do território brasileiro para apontar as relações da dinâmica globalizadora num país de grandes extensões como o Brasil, transformado num espaço da economia internacional. Segue-se o esboço para uma nova divisão do Brasil em quatro grandes regiões — Amazônica, Nordeste, Centro-Oeste e Concentrada — o que permite compreender as novas desigualdades territoriais, as zonas de densidade e rarefação, os espaços de rapidez e da lentidão, os espaços que mandam e os espaços que obedecem; por fim, a urbanização e as questões como as divisões do trabalho superpostas, a constituição de um espaço corporativo a partir da lógica das empresas, o uso competitivo do território, com instabilidades, desarticulações, desvalorizações e revalorizações de nova natureza no território brasileiro.

Por ser concebido como unidade, o livro oferece ainda oito contribuições temáticas: o caso da rede rodoviária brasileira (Marcos Xavier), as bases materiais das telecomunicações e da informática (Cilene Gomes), os novos sistemas de movimento (Fabio Betioli Contel), a nova agricultura (Soraia Ramos), os novos serviços metropolitanos (Eliza Almeida), a função da mídia e da publicidade nos usos do território nacional (Lídia Antongiovanni), a nova divisão territorial do trabalho na definição do centro informacional de São Paulo (Adriana Bernardes), o retrato da evolução e da situação atual da paisagem nas cidades de Recife, Belo Horizonte e



Brasília (Maria Angela Faggin Pereira Leite).

Um anexo de mapas e tabelas ilustra alguns dos principais fenômenos tratados no texto, propondo, assim, o reconhecimento das heranças e das intencionalidades do trabalho e da política — a ação humana, sobre a materialidade territorial que inclui a natureza.

O vigor do conceito de território usado revela a riqueza da geografia como província do saber em que reside a possibilidade de se pensar, a um só tempo, os objetos (a materialidade) e as ações (a sociedade) bem como os mútuos condicionamentos entretecidos com o movimento da história.

Em julho/2000, em Florianópolis, no XII Encontro Nacional de Geógrafos, o papel ativo da geografia aparecia num Manifesto. "O Brasil: território e socie-

dade no início do século XXI", mostrando o movimento do espaço nacional como um todo e, paralelamente, o de cada uma de suas regiões, com os conceitos de divisão territorial do trabalho e correlatos, revela a importância da geografia não fragmentada, aquela que não precisa de adjetivos que expliquem a sua finalidade.

Milton Santos e Maria Laura Silveira, numa linguagem acessível, mérito do livro, permitem pensar a realidade brasileira a partir do olhar do geógrafo. Pensar a ser apreciado por especialistas, leitor médio, outros cientistas sociais, administradores e políticos. Daí pensar-se um projeto nacional comprometido com a transformação da sociedade em benefício da maioria da população do país.

Maria Lucia de Amorim Soares